

O HUMOR COMO RECURSO LINGÜÍSTICO: UM ESTUDO DE ENSAIO JORNALÍSTICO PUBLICADO EM REVISTA SEMANAL

Any Lilian Maxemiuc Barcellos (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)
e-mail: any_lilian@uol.com.br

ABSTRACT: The present study consists of a case study based on an essay written by a journalist in a weekly magazine. The analysis of the elements present in the interpersonal metafunction shows the strategies used by the writer to persuade readers about his point of view. Context and intertext support the understanding of humour present in the essays.

KEYWORDS: Persuasion; Seduction; Humor; Contrast; Crypto Argumentation.

0. Introdução

Textos são social e subjetivamente determinados: eles são produzidos em locais específicos para fins específicos, numa determinada cultura, por indivíduos com características únicas. Segundo a lingüística funcional, todo texto tem um propósito, já que ninguém fala ou escreve sem ter uma função em mente. Os ensaios de autoria de Roberto Pompeu de Toledo, publicados semanalmente pela revista VEJA, ao mesmo tempo em que atendem as necessidades de informação e entretenimento do leitor, estão imbuídos de elementos que revelam crenças e valores que permeiam grupos sociais específicos.

A análise léxico-gramatical (Halliday, 1985) e o levantamento das dimensões avaliativas (Lemke, 1998) permitem a “recuperação dos sentidos sociais expressos no discurso à luz dos sentidos interacionais e sociais mais amplos” (Fowler et al., 1979:195-196) já que eles expressam a atitude do falante não somente em relação ao interlocutor, mas também em relação ao conteúdo ideacional de suas proposições e propostas.

Partindo do princípio de que as pessoas falam indiretamente com certa frequência, a explicação da produção e da compreensão do ato de fala indireto (o *como* do ato indireto) desenvolvida por Holtgraves (1998) envolve a consideração da questão interpessoal (o *porquê* do ato indireto). Freud (1952,1997) propõe que devido à susceptibilidade que determinadas questões podem provocar as pessoas evitam comentários diretos em relação à determinadas posições pessoais.

Dentro desse arcabouço teórico, o presente artigo examina a utilização do humor, que contribui para revestir o texto de um caráter sedutor, como meio de persuasão do leitor.

1. Fundamentos para avaliação do humor em ensaio da mídia impressa

Para Halliday (1985), a língua é usada para construir 3 tipos de significados simultâneos – experiencial, interpessoal e textual – que são codificados no

texto através da léxico-gramática. Ele afirma que quando se faz uma escolha lingüística, o que se diz ou escreve adquire significado contra o fundo das escolhas que poderiam ter sido feitas mas não o foram. Ao referir-se à língua como um processo social, ele ressalta a importância tanto do contexto situacional quanto do contexto cultural. Enquanto o contexto situacional trata do **modo** (modalidade lingüística em que o texto está sendo expresso: escrito ou falado), das **relações** entre os participantes (por exemplo, grau de proximidade) e do **campo** (assunto de que trata), o contexto cultural refere-se à posição ideológica que subjaz ao texto, ou seja aos valores, às tendências e às perspectivas que o orientam.

Para a análise do ensaio a que o presente artigo se refere, foram utilizados os componentes da metafunção interpessoal para a identificação da atitude do escritor não só em relação ao leitor como também em relação às suas proposições e propostas. Thompson e Thetela (1995) afirmam que é necessário distinguir duas dimensões no interior da metafunção interpessoal, (i) a pessoal – que se refere à visão do escritor (também chamada modalidade) e (ii) a interacional – que trata da interação entre produtor e receptor.

Para analisar a interpessoalidade, Lemke (1998) apresentou sete dimensões avaliativas bipolares (para cada atributo positivo, existe uma negativa complementar): desejabilidade, garantia, propriedade, usualidade, importância, compreensibilidade e seriedade. Para ele, estas dimensões avaliativas se estendem pelo texto constituindo-se em elemento importante para análise do discurso das diferentes vozes presentes. Ele considera que um grande número de vozes discursivas são incorporadas por cada comunidade, cada qual apresentando características de alguma sub-comunidade de falantes, e em relação semântica complexa com muitas outras, constituindo o fenômeno que ele chama de formações discursivas. Graham (2002) ao discutir a proposta de Lemke, sugere que a avaliação se propaga na medida em que recorre ao conhecimento intertextual de um sistema de valores partilhado pelos falantes, isto é, cada palavra vem com uma localização social associada a ela.

A importância da interpessoalidade é também discutida por Holtgraves (1998) que afirma que as pessoas não só realizam atos de fala quando usam a língua mas também atos interpessoais, na medida em que constroem a sua fala com o propósito de provocar certas reações no ouvinte/leitor. Wortham (1996), sugere que produtores de textos jornalísticos se utilizam de recursos como a citação, seja ela em discurso direto ou indireto, para controlar o grau de comprometimento que desejam assumir frente ao evento narrado junto ao leitor. As citações, caracterizadas pelo autor como atos de ventriloquismo, já que consistem na voz de um autor 'falando através' de uma personagem, são avaliadas através da análise da referência e da predicação que servem, respectivamente, para selecionar coisas por meio da língua e para caracterizar as coisas escolhidas. Da mesma forma, ao tratar de metadiscurso, Hyland (1998) afirma que o estabelecimento e a manutenção do contato com o leitor consistem em importantes estratégias persuasivas.

O humor consiste em recurso que pode ser usado em textos de mídia com finalidades interpessoais. Ele está presente em enunciados que contém elementos discursivos cuja ocorrência denota a intenção do falante de ser engraçado ou percebido como engraçado pelo menos por alguns participantes da interação. Uma das estratégias comumente utilizadas para provocar o humor é estabelecer

relações incongruentes: o riso é desencadeado no ouvinte no momento em que ele percebe que algo ocorreu de forma inesperada, não consonante com suas expectativas (Holmes, 2000). De maneira similar, Colston (2002) afirma que o humor pode ser construído pelo falante ao criar efeitos de contraste entre o significado de um comentário e o contexto a que se refere. As funções do humor são discutidas nos estudos de Freud (1905) que sugere que seu fim seja: a) fazer do ouvinte/leitor um aliado contra a pessoa de quem se deseja expressar julgamento hostil: o prazer provocado pelo riso faz com que ela nutra simpatia, pela pessoa que o provocou; b) exteriorizar sentimentos que, do contrário, estariam reprimidos por coibições internas; e, c) obter prazer de forma socialmente aceita, através da exposição de outras pessoas ao ridículo. De acordo com Fairclough (1995), o humor tem como função permitir o exercício do poder de forma menos explícita, o que é corroborado por Holmes (2000) que afirma que a ocorrência do humor pode estar associada ao desejo de contestar o poder de pessoas de status superior. Frobert-Adamo (2002), que examinou exemplos de humor em apresentações orais, refere-se a este recurso como um parâmetro psicolinguístico cuja análise deveria contribuir para alargar as perspectivas culturais da linguagem. O humor faz parte da construção de estratégias que tem como propósito persuadir o leitor quanto ao ponto de vista do autor.

Considerando o princípio de que uma das funções do humor é fazer do ouvinte/leitor um aliado do escritor/falante, pode-se afirmar que ele está relacionado ao processo de persuasão. Segundo Kitis & Milapides (1997), a persuasão está associada aos processos de convicção e/ou sedução, dos quais o falante se apropria para construir uma cripto argumentação que se estende numa dimensão subjacente ao texto. A convicção está associada ao “mapeamento de uma série de passos argumentativos” enquanto que a sedução tem como fim “explorar a aparente confiança demonstrada por aquele que o autor tenta persuadir”. Assim, enquanto a convicção apela à participação cognitiva, a sedução instiga a dimensão emocional do ouvinte/leitor.

2. Procedimento para avaliação do humor como estratégia persuasiva

A análise do humor como recurso de persuasão seguirá os seguintes passos:

- a) detecção de todos os contrastes constituintes no texto;
- b) avaliação envolvida em cada um dos contrastes conforme as dimensões avaliativas de Lemke (1998);
- c) avaliação predicativa de alguns itens lexicais, seguida da avaliação propagativa (Graham, 2002);
- d) a avaliação propagativa resultará na indicação da meta pretendida pela persuasão.

Para a referida análise serão levados em conta três dos fatores que caracterizam o humor: contraste, incongruência e percepção de outras pessoas expostas ao ridículo.

Segue análise de ensaio escrito por Roberto Pompeu de Toledo, publicado na revista *Veja* em 13/03/2002 sob o título “*Lugar de estadista é na favela*” (anexo). O propósito do referido ensaio foi criticar a política governamental de levar visitantes estrangeiros à favelas. A revista *Veja* distribui, semanalmente, o número aproximado de 2.500.000 cópias na Capital e Grande São Paulo. Pompeu é, até a presente data, editor chefe da referida revista. Ele nasceu em São Paulo/Capital, em 1944 e é formado em Direito pela Universidade de São Paulo.

3. O contraste como instrumento para construção do humor em texto da mídia impressa

As primeiras ocorrências de contraste surgem na introdução do ensaio consistindo em três pares: (1) cenário em Londres/cenário na favela, (2) meio de transporte em Londres/meio de transporte na favela, (3) dejetos animais/símbolos de altivez.

“Nas solenidades reais, em Londres, o príncipe Charles está acostumado a andar em lindas carruagens, símbolos sobre rodas de um estilo e uma altivez que desafiam o tempo. Quando se está nelas, até mesmo a insistência dos cavalos em levantar o rabo e fazer o que os cavalos fazem quando levantam o rabo soa a precioso toque de requinte. Na segunda-feira passada, Charles teve de ir a pé mesmo. Em visita ao Rio de Janeiro, pôs as reais pernas em funcionamento e, mesmo sob calor de 30 e tantos graus, galgou 200 metros de íngreme subida, Morro do Cantagalo acima.”

O autor se apropria da dimensão avaliativa da usualidade/não-usualidade (Lemke, 1998), para mostrar que a favela não consiste em local onde, geralmente, se recepciona um príncipe. Os itens lexicais utilizados para a construção de cada um dos cenários, de forma contrastante, permitem que o leitor se surpreenda no momento em que se depara com um elemento fora de lugar: as diferenças sociais presentes na comunidade que escritor/leitor partilham isolam indivíduos de classes distintas em espaços geográficos bem definidos. Consequentemente a presença do príncipe na favela é vista como inesperada. É este elemento inesperado que conduz o leitor ao riso.

Da mesma maneira, o contraste entre os meios de transporte consiste em elemento que permite a propagação do sentido da não-usualidade. A referida propagação ocorre num nível abstrato, como decorrência de conhecimento intertextual de um sistema de valores (Graham, 2002). O meio de transporte nas representações do escritor/leitor consiste em fator identificador de status: não se espera que um chefe de estado “ande a pé”. Além deste fator, através de elementos lexicais específicos, como os utilizados para descrever o contexto em que se realizou a subida, o autor conduz o leitor a perceber o personagem posição ridícula, o que pode ser fonte de humor (Freud, 1905). A mesma estratégia é usada no contraste entre o ato do animal e a sofisticação da cerimônia. A percepção do ridículo é criada, na medida em que a abstração dos símbolos citados é jogada à terra na forma de dejetos.

Em seguida, o autor se apropria dos recursos gramaticais da referência e predicação para reforçar o seu ponto de vista e criar contexto de apoio para a construção de novo par contrastante: favela/Jóquei Clube :

“ ‘No meu tempo’, costuma dizer um veterano diplomata brasileiro, ‘levava-se o visitante ao Jóquei Clube. Hoje, leva-se à favela’...é de se perguntar se não se teria ido longe demais, ao substituir os salões pela favela. Será que não se passou de um extremo a outro? Sobretudo, será que não se substituiu uma fantasia por outra – a fantasia de um país que se mostrava emperiquitado de luxo e riqueza, como no tempo das recepções do Jóquei, pela de um país ... com pobres, sim, mas que não tem medo deles...e...não tem vergonha de mostrá-los aos estrangeiros?”

A citação acima, na voz de uma figura de autoridade consiste em elemento importante para criar a representação de não-desejabilidade (Lemke, 1998) em relação à política que o autor critica. Ela é, aparentemente, isenta de conteúdo avaliativo. No entanto, os recursos da referência e predicação permitem avaliar o referente tanto a partir de um ponto de vista negativo quanto positivo (Wortham, 1996). Ao ser referido como “veterano diplomata brasileiro” é imediatamente percebido pelo leitor como membro de um grupo econômico e social particular. Os adjuntos adverbiais de tempo (no meu tempo/hoje) permitem identificar a geração a que a personagem pertence e as possíveis representações que tem do mundo contemporâneo: em geral, construções deste tipo representam sentimentos nostálgicos em relação ao passado ao mesmo tempo em que exprimem reprovação em relação ao presente. Além disso permite que o leitor reconheça a formação discursiva de uma sub-comunidade específica de falantes em relação semântica com outras (Lemke, 1995). Ao referir-se a tal personagem, o autor o posiciona como aliado. O contraste entre o par acima referido é, mais uma vez, construído por intermédio de itens lexicais e à dimensão avaliativa da usualidade/não-usualidade alia-se a da desejabilidade/não-desejabilidade.

A outra ocorrência de contraste se manifesta no par morador da favela/visitantes.

“A moda de levar visitantes à favela começou, salvo engano, no primeiro governo de Leonel Brizola no Rio. Ponto alto, na época, foi a ida do presidente francês François Mitterrand, em 1985, ao mesmo Morro do Cantagalo agora visitado por Charles. Logo que Mitterrand chegou ao morro, ouviu-se um estrondo. O francês ficou lívido. Houve princípio de pânico, e os seguranças chegaram a apalpar as armas. A calma só voltou, segundo VEJA registrou na época, quando um morador da favela gritou: ‘Ei, macacada, foi só um foguete’.”

No segmento acima o contraste se realiza na medida em que o autor se apropria da predicação (Wortham, 1996) para caracterizar os dois referentes. Tal recurso contribui para a propagação (Graham, 2002) da avaliação de não-desejabilidade (Lemke, 1998) da política de levar visitantes à favela. Os elementos gramaticais que caracterizam os sentimentos dos visitantes conduzem o leitor a perceber a referida política (levar visitantes à favela) como imposição externa

que se quer evitar por ser vista como ameaçadora mas não se pode. A referida caracterização reveste os visitantes com uma aura de impotência e constrangimento que, considerando seu status, coloca-os em posição que pode ser vista como ridícula, provocando o riso do leitor. Tal posição contrasta com as características construídas para o outro participante (o morador da favela). A sua fala revela um desprendimento que é fruto da familiaridade com os eventos que o cercam. Tal familiaridade lhe atribui autoridade para informar com propriedade. Além disso, ao caracterizar os visitantes, ele reverte os valores que são associados à sub-comunidade de falantes a que pertence, ao mesmo tempo em que expõe a sub-comunidade de falantes a que não pertence ao ridículo. Mais uma vez, através de intertexto, o autor constrói formações discursivas (Lemke,1995) que representam valores de comunidades que se opõe.

No trecho seguinte, o autor contrasta o par recepção londrina/recepção brasileira.

“Charles, quando sai pelas ruas de Londres, costuma ser precedido por garbosos cavaleiros, metidos em fardas de secular esplendor, e montados em animais de insuperável garbo. Na subida do morro, foi precedido de que? Do fumacê! O carrinho que espalha fumaça para matar mosquito. Com o príncipe e demais membros da comitiva sempre de tenno, com os braços bem cobertos, apesar do calor...para não dar chance ao Aedes aegypti, e mais...os moradores que se dispuseram a receber o visitante.”

Aqui, mais uma vez, o autor se apropria do recurso da predicação para propagar (Lemke,1995) as características dos dois referentes: os visitantes e os moradores. Ao referir-se aos visitantes constrói representações de vulnerabilidade e assentimento condicional enquanto que os moradores são representados como participantes cuja presença consistiu em ato de boa-vontade, não no desejo sincero do anfitrião que dá as boas-vindas ao visitante. Os elementos lexicais usados para criar um efeito de contraste propagam a dimensão da não-usualidade. Consequentemente, o leitor é conduzido ao riso ao se deparar com um fator inesperado. Mesmo que tenha a expectativa de ser surpreendido, dificilmente o leitor antecipa as características do elemento a ser usado pelo autor. Há ainda neste segmento uma dimensão avaliativa de não-desejabilidade realizada na representação da fumaça que espanta mosquito. É possível que os visitantes, representados como figuras patéticas e vulneráveis, sejam considerados tão indesejáveis quanto os mosquitos, cuja eliminação depende da fumaça que vem do carrinho que os precede.

À análise dos elementos léxico-gramaticais do texto de Roberto Pompeu de Toledo – no caso o ensaio intitulado *“Lugar de estadista é na favela”*, feita com apoio nas dimensões avaliativas propostas por Lemke (1998), aliada à noção de propagação proposta por Graham (2002) revela avaliações implícitas que o autor destila no decorrer do texto. A sua verdadeira intenção vem camuflada através do humor, que é expressa em especial via contraste (Colson, 2002).

A propagação das dimensões avaliativas de não-usualidade e não-desejabilidade permitem identificar, numa dimensão cripto-argumentativa, a presença de formações discursivas características de subcomunidades de falantes

específicas da forma como são representadas no imaginário do autor: (i) a dos países chamados de Primeiro-Mundo, caracterizados como vulneráveis e patéticos, apesar de exibirem poder e riqueza e (ii) a do Brasil, país subdesenvolvido, sim, mas não submisso ou encantado com a glória alheia, tanto que a observa com um certo desprezo divertido e sem muito interesse. O autor parece soltar, do fundo do texto, um grito de protesto que ecoa a atitude que os países de Primeiro Mundo costumam ter em relação aos países subdesenvolvidos.

4. Conclusão

A análise acima mostrou que qualquer aspecto da estrutura lingüística – seleção lexical, opção sintática, etc. – está carregado de significação ideológica (Fowler, 1991). À medida em que a análise avançava, ela revelava padrões de crenças e valores codificados na língua – e subjacentes às falas – para aqueles que aceitam o discurso como natural.

A avaliação das relações interpessoais entre falante e ouvinte, através das categorias avaliativas de Lemke (1998) e da propagação (Graham, 2002) em pares contrastantes, permitiu mostrar as estratégias utilizadas pelo autor para fazer do leitor um aliado através do humor, ao mesmo tempo em que trouxe à luz formações discursivas em aliança ou confronto (Lemke, 1995) presentes numa dimensão criptoargumentativa (Kitis e Milapides, 1997).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COLSON, Herbert L. Contrast and assimilation in verbal irony. In *Journal of Pragmatics* 34: 111-142, 2002.
- FAIRCLOUGH, Norman L.. *Critical discourse analysis: papers in the critical study of language*. London: Longman, 1995.
- FOWLER, Roger, B. Hodge & T. Trew, *Language and Control*. Londres: Routledge, 1979.
- FREUD, Sigmund. O chiste e sua relação com o inconsciente. In *Obras completas de Sigmund Freud*. Vol. VII. Rio de Janeiro: Delta, 1905.
- _____. *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância: o Moisés de Michelangelo*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- FROBERT-ADAMO, Monique. Humor in oral presentations: what's the joke? In: Eija Ventola (ed) *The language of conferencing*. Berlin:Lang, 2002.
- GRAHAM, Philip. Predication and propagation: a method for analysing evaluative Meanings in technology policy. *Text* 22 (2): 227-268.
- HALLIDAY, Michael A. K. *An Introduction to Funcional Grammar*, London: Edward Arnold, 1985.
- HOLTGRAVES, Thomas. Interpersonal foundations of conversation indirectness. In: FUSSELL, Susan R. & Roger J. Dreuz (eds.) *Social and cognitive approaches to interpersonal communication*. HJ: Lawrence Erlbaum Ass. Publ., 1998.
- HOLMES, Janet. Politeness, power and provocation: how humor functions in the workplace. In *Discourse Studies*. Vol. 2(2):159-185. London: Sage, 2000.

- HYLAND, Ken. Persuasion and context: the pragmatics of academic metadiscourse. *Journal of Pragmatics*, 30, 1998.
- KITIS, Eliza & Milapides, Michalis. Read it and believe it: how metaphor constructs ideology in news discourse. A case study. *Journal of Pragmatics* 28: 557-590, 1997.
- LEMKE, Jay. Intertextuality and Text Semantics. In Fries, Peter H. & Michael Gregory (eds). *Discourse in Society: Systemic Functional Perspectives – Meaning and Choice in Language: Studies for Michael Halliday*, NJ: Ablex Publishing Corp. 1995.
- _____. Resources for attitudinal meaning – Evaluative orientations in text semantics. *Functions of Language*, 5,1: 33-56, 1998.
- THOMPSON, Geoff & THETELA, Puleng. The sound of one hand clapping: the management of interaction in Written Discourse. *Text* 15(1):103-127. New York: Walter de Gruyter, 1995.
- WORTHAM, Stanton & Michel Locher. Voicing on the news: an analytic technique for studying media bias. *Text* 16(4): 557-585, 1996.

ANEXO



Lugar de estadista é na favela

Roberto Pompeu de Toledo **Ensaio**

Antes, chefes de Estado em visita ao Rio eram levados ao Jóquei. Hoje, são levados ao morro

As solenidades reais, em Londres, o príncipe Charles está acostumado a andar em lindas carnagens, símbolos sobre rodas de um estilo e uma altivez que desafiam o tempo. Quando se está nelas, até mesmo a insistência dos cavalos em levantar o rabo e fazer o que os cavalos fazem quando levantam o rabo soa a precioso toque de requinte. Na segunda-feira passada, Charles teve de ir a pé mesmo. Em visita ao Rio de Janeiro, pôs as reais pernas em funcionamento e, mesmo sob calor de 30 e tantos graus, galgou 200 metros de íngreme subida, Morro do Cantagalo acima. Estava em curso o programa que, nestes últimos anos, se tornou obrigatório para chefes de Estado ou assemelhados em visita ao Rio de Janeiro, e quanto mais ilustre o chefe de Estado mais obrigatório: a visita à favela.

"No meu tempo", costuma dizer um veterano diplomata brasileiro, "levava-se o visitante ao Jóquei Clube. Hoje, leva-se à favela". Ninguém escapa. O ex-presidente americano Bill Clinton, o leitor deve se lembrar, esteve na Mangueira. Talvez, dado o prestígio decrescente do Jóquei Clube, não fosse o caso de levá-lo lá. Bem pesadas as coisas, o charme da Mangueira supera de longe o do Jóquei, nos dias que correm. Mesmo assim, é de perguntar se não se teria ido longe demais, ao substituir os salões pela favela. Será que não se passou de um extremo a outro? Sobre tudo, será que não se substituiu uma fantasia por outra — a fantasia de um país que se mostrava emperquitado de luxo e riqueza, como no tempo das recepções no Jóquei, pela de um país que se quer democrático, com pobres, sim, mas que não tem medo deles, está empenhado em melhorar-lhes a vida, e tanto é assim que não tem vergonha de mostrá-los aos estrangeiros?

A moda de levar visitantes à favela começou, salvo engano, no primeiro governo de Leonel Brizola no Rio. Ponto alto, na época, foi a ida do presidente francês François Mitterrand, em 1985, ao mesmo Morro do Cantagalo agora visitado por Charles. Logo que Mitterrand chegou ao morro, ouviu-se um estrondo. O francês ficou lívido. Houve princípio de pânico, e os seguranças chegaram a apalpar as armas. A calma só voltou, segundo VEJA registrou na época, quando um morador da favela gritou: "Ei, macacada, foi só um foguete". No caso de Charles, o susto foi na véspera. Um tiroteio na favela, ou nas proximidades,

deixou o saldo de um suposto traficante morto. Logo numa favela considerada modelo de uma nova política de segurança e que havia um ano não registrava ocorrências desse tipo... Chegou-se a cogitar de cancelar a visita do príncipe. Policiais brasileiros e funcionários britânicos correram ao local, para avaliar a situação. Afinal se manteve a visita, mas ao custo de uma operação de segurança de larga envergadura, envolvendo quase 200 policiais.

Depois, ainda havia o medo da dengue. Charles, quando sai pelas ruas de Londres, costuma ser precedido por garbosos cavaleiros, metidos em fardas de secular esplendor, e montados em animais de insuperável garbo. Na subida do morro, foi precedido de quê? Do fumacê! O carrinho que espalha fumaça para matar mosquito. Com o príncipe e demais membros da comitiva sempre de termo, com os braços bem cobertos, apesar do calor, assim como as pernas, o pescoço e tudo o mais que se pudesse cobrir, para não dar chance ao *Aedes aegypti*, e mais um mar de policiais cujo número rivalizava com o dos moradores que se dispuseram a recepcionar o visitante, assim transcorreu o programa. Tudo tão natural! Tão espontâneo e à vontade! Tão natural e espontâneo que a segurança houve por bem abreviar a visita em vinte minutos.

Quando se começou a induzir os visitantes a fazer o que os próprios cariocas que vivem no asfalto não fazem, que é subir ao morro, até se compreendia. Viviam-se os primeiros anos pós-regime militar, pairava uma euforia democrática no ar e vá lá: com boa vontade, podia-se interpretar a novidade como parte do projeto de reencontro do país consigo mesmo. Hoje, somados os interesses dos visitantes estrangeiros aos dos anfitriões brasileiros, o resultado é uma dupla e grossa demagogia. Os visitantes conseguem cenas de televisão que, mostradas em casa, revelarão como representam bem o seu país, sempre tão atenciosos aos carentes quanto indiferentes ao conforto pessoal. Como são bonzinhos! Por extensão, como é bonzinho o seu país! Os anfitriões transmitem aos estrangeiros a idéia de que não são tão cruéis como se apregoa com os escanteados desta vida (o termo futebolístico é mais aceitável do que o pernóstico "excluídos"). Os escanteados não são tão escanteados assim. Tanto que são convidados de honra a essa suprema ventura que é o encontro com os grandes deste mundo.

P.S.: Para o príncipe Charles, ainda houve o samba! A tortura lançante de, mais uma vez, assim como na primeira visita ao Brasil, vinte anos atrás, ter sido instado a chacoalhar o corpo numa roda de passistas. Não será de surpreender se se souber que, de volta a Londres, ele tenha desabafado: "Mãe, não volto mais lá".